



Celina A. Lértora Mendoza
Nicolás Moreira Alaniz
Ignacio Pérez Constanzó
Editores

**III Coloquio –Intercongresos– Latinoamericano
de Filosofía Medieval**

Desarrollo y alcance de traducciones de la Edad Media

ACTAS

Ediciones RLFM
Buenos Aires

Desarrollo y alcance de traducciones de la Edad Media : III Coloquio - Intercongresos- Latinoamericano de Filosofía Medieval / Ignacio Pérez Constanzó... [et al.] ; editado por Celina A. Lértora Mendoza ; Ignacio Pérez Constanzó ; Nicolás Moreira Alaniz. -

1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Celina Ana Lértora , 2022.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-987-88-4998-0

1. Filosofía Medieval. I. Pérez Constanzó, Ignacio, ed. II. Lértora Mendoza, Celina A., ed. III. Moreira Alaniz, Nicolás, ed.

CDD 180.9

Todos los trabajos han sido sometidos a evaluación interna y externa

Imagen de tapa

Amaury de Chartres enseñando en París, Imagen obtenida del manuscrito (del s. XIV) Ms. Royal 16 G VI, fol. 368v de British Library.

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/38/Amalric_of_Bena_hears_his_sentence%2C_Amalric_and_Innocent_III%2C_Chroniques_de_France.jpg

© 2022 Ediciones RLFM

Red Latinoamericana de Filosofía Medieval

Buenos Aires

E-mail: red.lafm@yahoo.com.ar

Queda hecho el depósito que marca la ley 11.723

Entre o espírito e a letra: o desafio de traduzir textos filosóficos medievais

Maria Leonor Xavier

1. Intercomunicação de culturas

Traduzir é, desde logo, um acto intencional humano, consciente e voluntário, e, portanto, com um propósito: o de verter conteúdos de textos de outras culturas nas línguas das nossas culturas. Assim nos apropriamos de conteúdos de outras culturas, do passado ou do presente. Isso significa que tais conteúdos valem a pena, isto é, vale a pena torná-los nossos de algum modo. Traduzir é, por isso, um acto que atribui valor a culturas diferentes da nossa; é uma valorização de outras culturas, das quais pretende de certo modo participar. Traduzir é um acto de comunicação intercultural que afirma o valor da intercomunicação de culturas. Isto mesmo foi o que aprendi com Aires A. Nascimento, antigo professor do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, especializado em Filologia Latina Medieval. No âmbito da sua vasta produção de estudos, incluindo traduções, destacamos aqui a sua tradução portuguesa da *Carta a Pamáquio*, de S. Jerónimo, o antigo tradutor da Bíblia que é também uma fonte inspiradora da sua teoria da tradução. Na sua introdução a esta tradução, diz-nos o seguinte:

“Afim, as línguas são expressão de uma cultura e a tradução aparece como processo de intercomunicação de cultura e nela as modalidades textuais não são um acessório dispensável.¹; O objectivo final [da tradução jeronimiana] é ultrapassar as fronteiras de uma alteridade incomunicável e criar uma comunidade cultural que reconhece na forma de comunicar um valor fundamental”².

S. Jerónimo ultrapassou as fronteiras da alteridade entre o mundo bíblico e o mundo clássico, greco-latino, criando, através da tradução, uma comunidade cultural

¹ Aires A. Nascimento, *São Jerónimo: Carta a Pamáquio, sobre os problemas da tradução*, Ep.57, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, p. 26.

² Aires A. Nascimento, ob . cit., p. 27.

entre esses dois mundos e maneiras de ver o mundo (mundividências). À luz do modelo jeronimiano e do pensamento de Aires A. Nascimento sobre a tradução, o desafio que enfrenta o tradutor de textos medievais é também o de criar uma comunidade cultural entre o mundo medieval e o nosso, entre a mundividência da cultura medieval e a da nossa cultura contemporânea. Para tal, porém, não basta a letra, não basta a tradução literal, pois as nossas palavras mais próximas da letra dos textos medievais, não só são outras palavras como adquiriram sentidos por vezes muito afastados daqueles que eram significados pelos termos correspondentes no original. A letra tem de ceder o primado ao espírito da letra, isto é, ao sentido. Não é possível traduzir, sem apreender o espírito da letra, isto é, sem compreender o sentido. A afirmação do primado do sentido sobre a letra é também uma lição que aprendemos com a *Carta a Pamáquio*, de S. Jerónimo:

“Pela minha parte, realmente, não apenas confesso, mas proclamo a plenos pulmões que quando traduzo os textos gregos – que não sejam as Sagradas Escrituras (onde até a estrutura da frase é mistério) – não é palavra a palavra, mas o sentido que eu exprimo”³.

A tradução como intercomunicação de culturas e o primado do sentido são, com efeito, duas ideias-chave que não podemos deixar de reter na nossa aprendizagem do ofício de traduzir.

2. Tradução experimental

No panorama da tradução de textos filosóficos medievais em Portugal, há uma referência pioneira que não podemos ignorar: trata-se de António Soares Pinheiro S.J., antigo Professor da Faculdade de Filosofia de Braga. Depois da tradução do *Itinerário da Mente para Deus* (Braga, Faculdade de Filosofia, 1973)⁴, deixou-nos uma colectânea de textos traduzidos - *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval* (Braga, Faculdade de Filosofia, 1982) - que tem tido várias reedições, guiando a introdução de várias gerações de estudantes à leitura de textos de filosofia medieval. Esta colectânea inclui os seguintes opúsculos: *O Testemunho da Alma (De Testimonio*

³ S. Jerónimo, *Carta a Pamáquio, sobre os problemas da tradução* (Ep. 57), trad. Aires A. Nascimento, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, p. 61.

⁴ Tradução várias vezes reeditada, sendo a mais recente: São Boaventura, *Itinerário da Mente para Deus*, Tradução e Notas de António Soares Pinheiro, Uma Leitura Introdutória por Maria Manuela Brito Martins, Porto, Centro de Estudos Franciscanos, 2009.

Animae), de Tertuliano; *O Mestre (De Magistro)*, de S. Agostinho; *Proslogion* e *O Argumento Endonoético (Responsio Editoris)*, de S. Anselmo; e *O Ser e a Essência*, de S. Tomás de Aquino. De S. Agostinho, legou-nos também a tradução de *De Libero Arbitrio, O Livre Arbítrio* (Braga, Faculdade de Filosofia, 1986). A sua tradução de *De Magistro, O Mestre*, foi reeditada com “Introdução e comentários” de nossa autoria, adaptando a este fim a dissertação de mestrado, defendida em 1986, sobre o mesmo diálogo agustiniano⁵. A colectânea *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval* teve também várias reedições, incluindo, a de 1991, um “Aditamento” com a tradução das questões 1-5 do *Comentário sobre o de anima de Aristóteles*, de Pedro Hispano, sob o título de *Primado da Psiconoética*. Entre 1989 e 1992, António Soares Pinheiro esteve, aliás, especialmente concentrado em traduzir múltiplas questões seleccionadas daquela obra de Pedro Hispano, traduções que foram publicadas na *Revista Portuguesa de Filosofia*⁶.

É incontornável o legado de António Soares Pinheiro na história das traduções portuguesas de textos filosóficos medievais. Mas, não obstante o seu mérito, o modo e o estilo das suas traduções estão longe de colher aprovação consensual. O seu modo de traduzir leva a tal ponto o primado do sentido sobre a letra que chega a perder o pé da letra. Isso acontece, em especial, quando cria palavras novas na língua de chegada para exprimir o espírito da sua interpretação, já completamente separado da letra dos textos. Dois títulos há pouco referidos de traduções suas ilustram esta prática, ao incluírem neologismos, que reforçam o ponto de vista interpretativo do tradutor: é o caso de *O Argumento Endonoético*, título atribuído à tradução da réplica de Anselmo à crítica de Gaunilo ao *Proslogion*; é também o caso do título de *Primado da Psiconoética*, atribuído a um conjunto inicial de questões do comentário de Pedro Hispano ao *De anima* de Aristóteles. O primeiro caso, justifica-o o tradutor, pelo seu próprio entendimento do argumento anselmiano como sendo todo interno ao pensamento⁷. O segundo caso, o título de *Primado da Psiconoética*, explica-se pelo

⁵ St.º Agostinho, *O Mestre* (Filosofia . Textos, 8), Introdução e comentários de Maria Leonor Xavier, Tradução de António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995.

⁶ Cf. J. F. Meirinhos, “Traduções de Filosofia Medieval em Portugal. Boletim de Publicações Recentes”, *Veritas*, 43 (Porto Alegre, 1998), n, 3, p. 731.

⁷ “Tentando exprimir a natureza e objecto próprios do célebre argumento anselmiano, chama-se-lhe aqui ‘endonoético’, palavra que pela sua própria etimologia significa o que é interno ao pensamento”, António Soares Pinheiro, “Introdução” [à tradução do *Proslogion*], in *Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval*, 3ª ed. rev., Tradução do Original Latino por António Soares Pinheiro, Braga, Faculdade de Filosofia, 1991, 129. “Dá-se agora o título de Argumento Endonoético ao presente escrito, por ser todo ele dedicado à sua explanação e defesa, e porque

teor do texto que trata da importância da ciência da alma entre as demais ciências, e porque o neologismo “psiconoética” é o termo que o tradutor cria e usa, para significar o conceito de ciência da alma em causa no texto de Pedro Hispano. Em qualquer dos casos, prima o ponto de vista interpretativo do tradutor. Deste modo, o tradutor arrisca muito a sobrepor-se ao autor do texto original.

António Soares Pinheiro leva ao extremo a liberdade do espírito face à letra, o que conduz ao afastamento máximo entre o espírito e a letra. Quer isso dizer desprezo da letra dos textos originais? Na ausência de inequívocos esclarecimentos a este propósito, arriscamos nós a interpretar a sua orientação de fundo sobre o trabalho de tradução, dizendo que não. Não é desprezo, ou sequer desrespeito pela letra dos textos originais; aquilo que acontece nas suas traduções é, antes, insatisfação com as palavras de uso corrente na língua de chegada, para traduzir a letra dos textos latinos medievais. António Soares Pinheiro estava decerto consciente da diferença cultural entre o mundo medieval e o nosso, e mesmo que a língua portuguesa actual traga o latim no seu código genético, ele sabe que as nossas palavras usuais falam de coisas diferentes daquelas de que tratam os textos medievais. Parece-nos ser, de facto, uma insatisfação renitente com a língua do presente que o conduz a inventar palavras novas, a partir de étimos gregos e latinos, para dizer conceitos medievais que as nossas palavras correntes já não dizem. Por exemplo, a palavra “psicologia”, vigente na cultura dos nossos dias, já não significa a ciência da alma de Pedro Hispano; então, por que não criar a palavra de etimologia grega “psiconoética”, para traduzir esse conceito medieval de ciência da alma? Foi o que fez António Soares Pinheiro. Deste modo, cultivou certo experimentalismo num trabalho de tradução erudita, experimentando construir neologismos para traduzir conceitos que as nossas palavras correntes já não dizem. Podemos caracterizar, por isso, o seu modo de tradução como tradução experimental.

Este procedimento experimental, frequentemente seguido, produziu soluções de tradução contra-intuitivas e rebuscadas, que a consulta dos dicionários da língua corrente não ajuda a elucidar. Além dos títulos já comentados, múltiplos outros exemplos ilustram o mesmo procedimento, como sejam os seguintes:

- Em *O Mestre (De Magistro)*, a expressão *intentio digiti*, que significa o gesto de

em muitos códices esta pequena obra é acompanhada apenas do simples averbamento de *resposta do autor*”, António Soares Pinheiro, “Introdução” [à tradução da resposta de Anselmo à crítica de Gaunilo], in *Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval*, 169.

apontar o dedo, é dada por “aceno do dedo”⁸, solução completamente contra-intuitiva, cuja pertinência não conseguimos vislumbrar;

- Em *O Livre Arbitrio (De Libero Arbitrio)*, o termo *cupiditas*, que significa aquilo cujo domínio produz o mal moral, é dado pelo neologismo latino “iniância”, porque o tradutor não se contenta com os termos portugueses “cupidez” ou “cobiça”⁹; o termo latino *necessitas* é, por vezes, traduzido por termos rebuscadíssimos, como “irruência”, quando se trata de necessidade natural¹⁰, ou “instrição”, que inclui a necessidade de coacção¹¹; e o termo latino *forma* é dado pelo rebuscado termo abstracto “enticidade”¹²;

- Em *O Ser e a Essência (De Ente et Essentia)*, já o mesmo termo latino *forma* é dado pelo neologismo grego “dínase”¹³; *differentia*, por “discrime”¹⁴; *anima*, por

⁸ “De facto, aquele aceno do dedo nada mais pode significar, senão aquilo para que o dedo acena”, S. Agostinho, *O Mestre*, in *Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval*, 108.

⁹ “*Iniância* deriva do verbo latino *inhiare*, também usado por Agost., o qual significa *esperar* ou *desejar avidamente*. Exprime qualquer das impulsividades sensitivas, geralmente desregradas, para o seu objecto, ou seja, o que vulgarmente se denomina ‘paixões’. Traduz neste e noutros lugares *cupiditas*, a que não correspondem devidamente nem *cupidez* nem *cobiça*, embora etimologicamente derivadas dessa palavra. Nalgumas passagens traduz porém *libido* (lascívia), quando esse vocábulo latino conserva o sentido primitivo e genérico de impulsividade sensitiva”, António Soares Pinheiro, nota 7, in Santo Agostinho, *O Livre Arbitrio*, Tradução do Original Latino com Introdução e Notas por António Soares Pinheiro, Braga, Faculdade de Filosofia, 1986, 29.

¹⁰ “*Irruência*, do verbo latino *irruere* (arremessar-se, irromper) denomina o surto incoercível das forças físicas da Natureza, ou seja, a necessária entrada em acção das mesmas, sempre que se reúnem todas as condições requeridas para o seu exercício. É o que habitualmente se designa por *necessidade* das forças e leis físicas”, António Soares Pinheiro, nota 1, in Santo Agostinho, *O Livre Arbitrio*, 164.

¹¹ “*Instrição*, do verbo latino *instringere*, que significa *ligar, apertar*, designa um estado ou necessidade invariável pertencente à natureza dum ser, ou nele causado por qualquer agente externo, o que impossibilita qualquer opção diversa”, António Soares Pinheiro, nota 3, in Santo Agostinho, *O Livre Arbitrio*, 169.

¹² “Traduz a expressão latina *forma*, que em Agost. não tem o sentido que apresenta na filosofia de Aristóteles. Por *enticidade* entende-se o que intrinsecamente constitui, na ordem inteligível, a essência e realidade existencial de qualquer ser; ou esse mesmo ser, quanto à essência e existência inteligíveis”, António Soares Pinheiro, nota 32, in Santo Agostinho, *O Livre Arbitrio*, 145.

¹³ “[*Dínase* traduz “forma”; esta, no aristotelismo, constitui o princípio intrínseco de energia e especificação dum ser]”, António Soares Pinheiro, *Opúsculos Selectos de Filosofia Medieval*, 204.

¹⁴ Id., ob. cit., 208.

“vitalidade”¹⁵; *humanitas*, por “hominidade”¹⁶; *intelligentiae*, por “superespíritos”¹⁷.

Estas opções de tradução transfiguram de tal modo os textos originais que velam e obscurecem a linguagem dos autores. Tais opções codificam de tal modo os textos das próprias traduções, que os tornam mais difíceis de decifrar do que os originais. Estes não ficam, por isso, mais acessíveis. As traduções de António Soares Pinheiro constituem casos de estudo interessantes, mas não introduzem o leitor desprevenido ao estudo dos textos latinos originais. Talvez até o façam retrair-se da leitura. Não por falta de conhecimento ou de erudição do tradutor, mas por falha de comunicação. António Soares Pinheiro traduziu textos filosóficos medievais como se estes fossem essencialmente indizíveis na nossa corrente língua portuguesa, e, portanto, como se os mesmos fossem incomunicáveis ao leitor do português moderno. Não obstante o mérito da sua obra de tradução, ela falhou na comunicação intercultural. Contudo, mesmo incompreendido ou justamente criticado, o legado de António Soares Pinheiro não deixou por isso de estimular o trabalho das novas gerações de tradutores portugueses, até pela necessidade de oferecer propostas alternativas de tradução.

3. O espírito ao pé da letra

O trabalho mais difícil e desafiante de tradução, que a autora destas linhas de reflexão assumiu realizar, foi publicado sob o título de *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo* (2008)¹⁸. Esta publicação é uma edição bilingue, latim e português, de dois textos latinos do séc. XIII: *Petri Hispani Expositio in Librum de Mystica Theologia Beati Dionysii e Thomae Galli Extractio de Mystica Theologia Beati Dionysii Areopagitae*. Traduzimos o primeiro, de Pedro Hispano, sob o título de *Exposição sobre a Teologia Mística de Dionísio Areopagita*, e o segundo, de Tomás Galo ou Gaulês, sob o título de *Extracção da Teologia Mística de Dionísio Areopagita*. Os dois textos são dois comentários do livro *A Teologia Mística*, de Dionísio, o Pseudo-Areopagita. Como a *Exposição*, de Pedro Hispano, incorpora uma tradução

¹⁵ Id., ob. cit., 209.

¹⁶ Id., ob. cit., 214-215.

¹⁷ “[Superespíritos traduz a palavra ‘inteligências’, a qual no vocabulário filosófico medieval designava os espíritos completamente desligados da matéria, à maneira dos anjos da Revelação cristã]”, Id., ob. cit., 222.

¹⁸ *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*. Introdução, tradução e notas de Maria Leonor L. O. Xavier, Lisboa, Ésquilo Edições & Multimédia / CFUL, 2008. Livro recensado por José Francisco Meirinhos: *Philosophica* 31 (Lisboa, 2008), 221-226.

latina do livro comentado, a de João Sarraceno¹⁹, a tradução contemplou, na verdade, três textos: o livro *A Teologia Mística*, de Dionísio, o Pseudo-Areopagita, na versão latina de João Sarraceno; a *Exposição*, de Pedro Hispano; e a *Extracção*, de Tomás Galo. Destes dois textos de comentário, da edição de P. Manuel Alonso²⁰, oferecemos uma primeira versão em língua portuguesa²¹.

Centrando-nos no texto da *Exposição*, de Pedro Hispano, deparámos com um problema persistente de tradução: a questão da tradução de *super*, como prefixo e como preposição. O prefixo latino *super* traduz o prefixo grego *hyper*, abundantemente usado nos textos da teologia dionisiana. Neste contexto, o prefixo *hyper* tem dois significados entrelaçados entre si: por um lado, tem um significado intensivo, que indica o grau superlativo; por outro lado, este grau superlativo supõe tal mudança de nível na ordem da realidade significada que o mesmo prefixo significa também uma superação de grau. Esta dupla significação –de grau superlativo e de superação de grau– está também contida no prefixo latino *super*, tanto no texto da tradução latina de João Sarraceno como no texto do comentário de Pedro Hispano. Como traduzir, então, *super* no texto da *Exposição sobre a Teologia Mística de Dionísio Areopagita*? É que a tradução óbvia e literal do prefixo latino *super* pelo homólogo português “super” aparecia-me como claramente insatisfatória, uma vez que, em português, quer “super” quer “hiper” têm um sentido exclusivamente intensivo, como ilustram os compostos vulgares “supermercado” ou “hipermercado”. Próximo de “super”, há o prefixo “supra”, que tem, porém, um sentido distinto, pois é um locativo, como sublinhou o Professor Aires A. Nascimento, com quem tive oportunidade de debater esta questão de tradução. Entre outras soluções em cima da mesa, como “ultra” e “mais que”, tínhamos à disposição dois prefixos morfológicamente afins, “super” e “supra”, o primeiro com sentido intensivo e o

¹⁹ Uma das versões latinas mais antigas (c. 1167), a terceira, depois da de Huilduíno (c. 832) e da de João Escoto Eriúgena (c. 867), registadas em *Dionysiaca. Recueil donnant l'ensemble des traductions latines des ouvrages attribués au Denys de l'Aréopage*, I, Paris, Desclée de Brouwer, 1937, pp.CIV, 565-602.

²⁰ Pedro Hispano, *Exposição sobre os Livros do Beato Dionísio Areopagita (Expositio librorum Beati Dionysii)*. Fixação do texto, prólogo, introdução e notas do P. Manuel Alonso, Lisboa, Instituto de Alta Cultura e Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957, 473-494, 507-671.

²¹ Versão iniciada ao longo do Seminário semestral, sobre “Filosofia e Espiritualidade nas Raízes da Cultura Portuguesa”, leccionado por nós, durante o ano lectivo de 1996-1997, no âmbito do Mestrado de Filosofia em Portugal, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

segundo com sentido locativo. Ora, o locativo “supra” já permitia exprimir uma superação de grau, na ordem das realidades espirituais, que o intensivo “super” não basta para significar. Por isso, adoptámos uma solução mista, o intensivo “super” e o locativo “supra”, para traduzir a dupla significação do latino *super* (correspondente ao grego *hyper*), respectivamente, a significação de grau superlativo e a de superação de grau.

A opção por “super” justifica-se sempre que, em *super*, domina o sentido intensivo, indicando quer o grau superlativo de uma qualificação quer a intensificação máxima de uma acção, como nos casos seguintes: *superdea* (super-divina); *superbona* (superbondosa); *superignotum* (superignoto); *supersplendens* (superesplendente); *superclarissimum* (superclaríssimo); *superpulchrum* (superbelo); *superlucens* (superluzente); *superfluens* (superfluyente); *supereffusio* (superrefusão); *superimplens* (que faz superabundar), *superimplentur* (são supersaciadas)²².

A opção por “supra”, por sua vez, justifica-se sempre que domina, em *super*, o sentido de lugar cimeiro por superação de grau, como nos casos seguintes: *supersubstantialis* (supra-substancial), *supersubstantialiter* (supra-substancialmente), *supersubstantialitas* (supra-substancialidade); *superintellectualis* (supra-intelectual), *superintellectualiter* (supra-intelectualmente); *superessentialis* (supra-essencial); *superexistens* (supra-existente); *supermundanum* (supra-mundano); *supermentalis* (supra-mental). Com efeito, no texto da *Exposição*, *supersubstantialis* significa estar acima de toda a substância, e *superessentialis* significa estar acima de toda a essência, o que se aplica especialmente ao Verbo divino, porquanto só nele subsistem as coisas que passam, isto é, as respectivas essências²³.

Há também compostos de *super*, que são compostos verbais, como sejam: *superposita causa*; *superponitur*; *superveniunt*; *superveniens*. Para o caso do participio passado *superposita*, optámos pela tradução de “superior”, obviamente mais adequada do que outras, mais literais, como “sobreposta” ou “posta acima de”. De igual modo, traduzimos *superponitur* por “é superior a”. Quanto ao verbo *supervenire*, encontramos-lo duas vezes no texto da tradução de João Sarraceno, com dois sentidos opostos: sob a forma de *superveniunt*, o verbo tem por sujeito aqueles que ascendem no caminho espiritual traçado pela teologia mística, e traduz-se adequadamente por “elevam-se acima de”; mas, sob a forma do participio presente *superveniens*, o mesmo

²² Maria Leonor L.O. Xavier, “Introdução”, in *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*, p. 37.

²³ Id., “Introdução”, in *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*, pp. 34-35.

verbo já tem por sujeito o próprio Deus, no seu gesto descendente de manifestação nos lugares santos, deixando-se traduzir por “sobrevir” ou “vir sobre”²⁴.

Há ainda a considerar o uso de *super*, como preposição, com sentido locativo, indicando o lugar cimeiro de Deus. Confirma esta leitura, o próprio facto de João sarraceno concluir o seu texto de tradução, com a expressão *supra tota*, isto é, empregando a preposição *supra*, de sentido locativo:

“*Quoniam et super omnem positionem est perfecta et unitiva omnium causa et super omnem ablationem est excessus ab omnibus simpliciter absoluti et supra tota*. A nossa tradução: porque acima de toda a posição, está a causa perfeita e unitiva de todas as coisas, e acima de toda a remoção, está a superabundância do que é absolutamente separado de todas as coisas e acima de todas”²⁵.

Optámos, portanto, por traduzir *super* pela expressão “acima de”, sempre que a preposição indica um lugar cimeiro, não no espaço físico, mas relativo à ordem metafísica dos seres e do conhecimento: acima de toda a substância, sensível e intelectual; acima de todo o conhecimento, sensível e inteligível, humano e angélico. Ou na ordem dos louvores teológicos: acima da ordem descendente das posições ou afirmações das teologias catafáticas, bem como acima da ordem ascendente das remoções ou negações das teologias apofáticas²⁶.

Todas estas opções de tradução, micro-decisões, foram sendo tomadas ao longo de dez anos, entre 1998 e 2008, isto é, entre a primeira versão da nossa tradução e a versão publicada. E, mesmo assim, esta ainda não nos parece definitiva. Cada vez que voltamos a folhear a tradução publicada, encontramos sempre alguma coisa que merece ser alterada. São incontáveis as decisões, as micro-decisões, que cabe ao tradutor tomar a cada passo de uma tradução em curso. Sendo quase sempre só preferenciais, de modo que não excluem de todo outras possibilidades, tais decisões nunca são inteiramente satisfatórias. Traduzir é, por isso, um trabalho no domínio da incerteza, que deixa o tradutor à míngua de plena satisfação intelectual.

²⁴ Id., “Introdução”, in *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*, pp. 37-38.

²⁵ *Exposição sobre a Teologia Mística de Dionísio Areopagita*, in *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*, pp. 88-89.

²⁶ Maria Leonor L.O. Xavier, “Introdução”, in *Teologia Mística. Textos de Pedro Hispano e Tomás Galo*, p. 38.